

Espiritualidade ACI | Caderno IV

Inmaculada Yañez, a.c.i.

Santa Rafaela Maria e a Eucaristia

SANTA RAFAELA MARIA



ESCRAVAS DO SAGRADO
CORACÃO DE JESUS

Títulos disponíveis nesta coleção

1. Um caminho, uma vida: história de Santa Rafaela Maria – *Margarita Agustí, a.c.i.*
2. Características humanas de Santa Rafaela Maria – *Eduarda Barata, a.c.i.*
3. Características de Santidade em Santa Rafaela Maria (Tirado do Prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*), *José Luís Martín Descalzo*
4. Santa Rafaela Maria e a Eucaristia – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
5. A Eucaristia, espaço de Reparação – *Nurya Martinez-Gayol, a.c.i.*
6. A Reconciliação na vida de Santa Rafaela Maria – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
7. Escrever a minha história só na mente de Deus – *Angeles Mera, a.c.i.*

www.aciportugal.org

«Santa Rafaela Maria e a Eucaristia»: este título parece impor alguma pretensão de expor tudo sobre o tema. É como se tivéssemos de explicar a razão última de ser de uma pessoa, dos seus maiores desejos; do carácter do Instituto que ela fundou, do toque especial de todas as suas iniciativas, de um particularíssimo «ar de família»...

De um ponto de vista cronológico, a experiência eucarística de Rafaela Maria começaria com a Primeira Comunhão e acabaria com a sua morte. No entanto, teríamos assim de pôr de lado os preâmbulos desta história: os que nos conduzem ao ambiente familiar, verdadeiro lar de fé. Antes ainda de comungar pela primeira vez, Rafaela Maria deve ter tido a intuição de um mistério que a viria a marcar profundamente. Mas, mesmo que queiramos manter-nos nos limites cronológicos oficiais, dos sete aos setenta e tantos anos, quanta Eucaristia encontramos nesta vida: quantas celebrações íntimas ou solenes, quantas comunhões sacramentais, quantas horas de adoração no reclinatório e na vida, quantas rápidas visitas ao Santíssimo, quantas horas intermináveis de diálogo, no coro alto de tantas igrejas... Quanta Eucaristia: quanta entrega generosa aos outros, quanta disponibilidade para a missão apostólica, quanta gratuidade no serviço alegre... Quanto ir e vir do reclinatório à vida, da vida à oração, da alegria à dor esperançada, da dor da ausência à alegria da presença, ao amor... A Eucaristia deu sentido a cada um dos momentos, cristificou os sentimentos mais profundos, tornou suportável o sofrimento e deu plenitude à alegria. A Eucaristia, vivida e adorada com uma intensidade crescente, conduziu Rafaela Maria à santidade e converteu-a no paradigma de uma Escrava do Sagrado Coração.

Recordando a biografia de Santa Rafaela, percebemos que a Eucaristia foi o âmbito natural da sua relação com Deus. A Eucaristia encheu totalmente a sua vida, orientou o seu olhar, deu-lhe força para a resposta

constantemente fiel. A Presença de Cristo, contemplada e amada, iluminou-lhe os olhos do coração, e estes olhos iluminados encontraram Presença em todas as realidades deste mundo. Houve certamente momentos privilegiados em que captou de maneira misteriosa, «mística», a grandeza e a dignidade da pessoa humana; mas, antes de chegar a esses momentos, tinha unido sempre, desde a juventude, a alegria do encontro íntimo com Deus e as exigências da entrega aos outros. Conta a M. Preciosa Sangre, contemporânea rigorosa, que antes da fundação do Instituto, quando vivia em Pedro Abad uma etapa a que poderíamos chamar «tempo de servir», todos os dias, depois de participar na Missa da Paróquia, fazia uma ronda pelas «margens»: visitava os pobres e os doentes da aldeia. Ou seja, a Eucaristia diária, memória do «amor até ao extremo», despertava nela uma atitude vigilante, mantinha-lhe abertos os olhos e o coração para aqueles que Cristo amou com predileção. A celebração eucarística vinha também preparada pela constante assimilação da Palavra de Deus. A participação na «mesa do Pão e da Palavra» tinham-na conduzido desde o princípio à comunhão e ao compromisso a favor dos mais necessitados.

Anos mais tarde, fundadora e Superiora Geral das Escravas, Rafaela Maria teve ocasião de extrair consequências daquela intuição que, ali em Pedro Abad, fora uma primeira resposta à chamada de Deus. Levou a cabo obras e estabeleceu comunidades em diferentes pontos, sempre com o fogo interior de um carisma que a introduzia dia a dia no «mistério da fé» e a animava a entregar-se ao anúncio evangélico e a todos os que a rodeavam. Para ela, nunca houve divisões entre a celebração sacramental e as exigências vitais da Eucaristia.

A Eucaristia é a chave da Igreja e as Escravas do S.C. de Jesus têm o carisma de uma vivência muito especial deste «sacramento da nossa

fé». Como qualquer carisma, é um «dom recebido para partilhar»¹ com todos. Recebemos das mãos de Santa Rafaela Maria o tesouro da nossa vocação. A sua vida é «caminho seguro na busca da nossa identidade»; uma identidade que se constrói dia a dia, e se conserva com fidelidade criativa, constantemente renovada.

Por isso, é preciso voltar uma e outra vez às palavras, aos gestos, às atitudes de Santa Rafaela Maria.

1. Presença envolvente de Deus, «descoberto» em todas as coisas

Estamos a falar de Rafaela Maria, uma pessoa que dedicou grande parte da sua vida a «olhar», a «contemplar» Deus. São incontáveis as horas que passou a olhar para a Sagrada Forma, «vendo» mais além das aparências, «descobrimdo» a oculta grandeza do amor de Jesus. No seu carisma de adoração houve seguramente um elemento básico, natural, de admiração.

a) Este maravilhoso mundo, lugar de encontro e de contemplação

Por temperamento, ainda mais que por graça, Rafaela Maria foi uma pessoa eminentemente contemplativa. Tinha uma extraordinária facilidade para trespassar a superfície e chegar ao coração das coisas. Instintivamente, fixava os seus olhos limpos em tudo o que era bom e bonito, e vislumbrava a transcendência através de qualquer realidade. «Que onipotência, a de Deus! Que felicidade ter um Deus tão grande!»². É a exclamação de alguém que não deixa de se admirar com a vista do mar. Sabemos da sua

¹ *Aplicações das Constituições das Escravas do Sagrado Coração de Jesus*, 2. Em diante, *Apl. Const.*

² Carta à M. M^a de la Paz, 1890, em *Palabras a Dios y a los Hombres*, 304. Em diante, citado *Palabras*

alegria ao contemplar muitos outros lugares, e muito diferentes: a noite estrelada, noite escura, sem lua, em que brilham, perclitantes, milhares de pontos luminosos...; as flores, as diversas cores da natureza; as nuvens, que correm e que, de tempos a tempos, cobrem e descobrem o sol... A neve, uma espécie de milagre que, como o mar, não pertence ao mundo das suas experiências infantis. O assombro ante a maravilha da natureza reflecte-se em muitas das suas expressões. E sempre com o olhar do coração, que vê mais além dos olhos e que, na fé, descobre Aquele que «mil graças derramando, passou estes soutos apressado...» (San Juan de la Cruz)

Até aos últimos anos, Rafaela Maria conservou a capacidade de apreciar e gozar intensamente as alegrias mais simples da vida. Valorizava a beleza física e o bom gosto. Era muito zelosa da ordem e da limpeza, que eram para ela como a beleza da humildade. Gostava que nas comunidades reinasse o bom humor e as conversas espontâneas. Admirava-se, entusiasmada, ante uma cidade bonita, bem iluminada e com edifícios artísticos: neste sentido, Roma deixou-a deslumbrada; faltavam-lhe as palavras para a descrever. A boa música foi sempre objecto da sua atenção; sobretudo a música litúrgica que eleva o canto à categoria de diálogo solene com Deus.

b) O rosto humano de Deus

Os olhos de Rafaela Maria, «olhos do coração» que contemplam com simpatia todas as realidades criadas por Deus, ver-se-ão deslumbrados, certo dia de 1888, por uma iluminação especial. Nesse dia, durante os Exercícios Espirituais, percebe de uma maneira extraordinária a grandeza e a dignidade da pessoa humana. A experiência é tão forte que é como se lhe arrancassem a alma. Não sabe como explicar melhor³. A partir de então compreende, sem necessidade de grandes considerações, que a imagem de Deus no homem é indelével: pode ser ofuscada pela culpa, mas permanece

³ *Ap. Esp.* 6

sempre, como uma marca divina, mesmo no maior dos pecadores. Ao longo da vida, Rafaela Maria relacionou-se com pessoas muito diferentes, e olhou para todas com a mesma reverência, com os olhos maravilhados de quem contempla «imagens de Deus». Foi uma autêntica humanista, capaz de distinguir infinitos matizes de humanidade e de depositar neles o tesouro da sua ternura: nas crianças, acalentar a vida que começa; nos jovens, acolher com compreensão a inexperiência, os primeiros tropeções; nos mais velhos e nos doentes, apoiar e consolar na debilidade... Desde aquele dia de 1888, o seu natural instinto contemplativo é transfigurado pela presença constante da imagem de Deus. O rosto do seu Senhor, vivo em cada pessoa, fá-la estremecer no mais íntimo do seu ser. E assim, o «humanismo» de Rafaela Maria levou-a por um caminho perfeito: o da adoração de um Deus que Se põe sempre do lado do homem.

Olhos assombrados, os de Rafaela Maria, olhos abertos para contemplar, para perceber a existência e o valor dos outros, para descobrir que, através de mil presenças, Deus é o Presente Absoluto. Rafaela Maria está preparada para adorar continuamente.

Em Maio de 1890, Rafaela Maria saiu pela primeira vez de Espanha. Ia a Roma. Viagens como essa eram bastante invulgares, o que explica a sua atenção a todos os pormenores do caminho, que descreve nas cartas desses dias. Vai «em contemplação» e comenta as suas impressões: «Quantos filhos tem Deus! Ao ver o mundo, aviva-se o zelo!»⁴. Parece uma exclamação ingénua, mas expressa de maneira exacta o sentido da sua vocação, caracterizada pelo seu olhar contemplativo do mundo.

Rafaela Maria, vidente de Deus, «soube descobrir Deus em todas as coisas»⁵. Através delas, e com todas as criaturas, soube adorar.

⁴ Carta à M. Puríssima, 1890, em *Palabras*, 267

⁵ *Constituições das Escravas do Sagrado Coração de Jesus*, 15. Citadas *Const. ACI*

c) Contemplar ao Deus que passa pela própria vida

«Alguns acontecimentos da minha vida em que vi a misericórdia e providência de Deus patentes...». Começa assim um escrito autobiográfico que, infelizmente, nunca concluiu⁶. Rafaela relata apenas o encontro com Deus que para ela constituiu a morte inesperada da sua mãe. Nessa altura, é uma adolescente que começa a crescer com a ajuda desse Deus providente e amigo. É um instante de plenitude no meio da dor; bastante diferente, desde logo, da experiência de estar em frente ao mar ou ante qualquer maravilha da natureza. Na morte da sua mãe, Rafaela Maria contempla «a misericórdia e a providência de Deus patentes»; observa os seus ritmos, quicá incompreensíveis, e vai aprendendo a acertar o passo ao ritmo de um Deus para quem «mil anos são como o dia de ontem, que passou, ou como uma vigília da noite». E adora esta misericórdia e esta providência.

Anos depois, em 1890, em oração diante do Santíssimo, contempla como num «flash» o filme da sua existência. Deixemo-nos envolver pelas suas próprias palavras. Diz que «via Deus muito grande» e a si mesma «pequeniníssima», mas feliz⁷. Constatava nesse momento como Deus continuava a actuar, dando plenitude à sua pequenez. Deus ia fazendo tudo, e ela contemplava a Sua obra com admiração agradecida: como sempre, estava a adorar. Pela mesma época, com um estado de espírito muito diferente, contempla a Deus que, como um Pai, lhe abre o entendimento para conhecer a realidade, lhe antecipa os acontecimentos, insiste com ternura para que veja e compreenda os sinais do caminho; para que veja, inclusive, através de uma «pena amorosa», os pequenos re-cuos... «Timeo Iesum transeuntem...», dizia Santo Agostinho, pensando na temível possibilidade humana de ignorar a passagem de Deus pela nossa vida. Rafaela Maria não parecia precisar desse «santo temor»: estava

⁶ O documento é de 1892 e encontra-se em *Ap. Esp.* 17

⁷ O texto corresponde aos Exercícios de 1890, e está em *Ap. Esp.* 10.

mais que desperta, com os olhos e o coração abertos a esse Deus que passava em cada acontecimento; ao Deus instalado na sua vida.

2. «Comunhão» e «Comunidade»

«Agora, minhas queridas, que ainda estamos nos alicerces, assentemo-los bem, para que os vendavais que vierem depois não derrubem o edifício; e todas juntas, sem deixar nem uma fresta por onde o diabo possa meter a unha da desunião; todas unidas em tudo, como os dedos das mãos, e assim conseguiremos tudo o que queremos, porque temos a Deus Nosso Senhor a nosso favor»⁸. O parágrafo é de uma célebre carta, escrita em Janeiro de 1884, à Comunidade de Córdova. «Onde não há união, não está Deus», escrevia rotundamente em 1889⁹. «Que todas sejamos um só coração e uma só alma» (1891)¹⁰. E citando São Francisco de Borja dizia, pela mesma época: «Se quereis aliviar a minha carga, que eu veja que tendes todos um mesmo sentir...; não tendeis mais que um coração e uma alma, socorrei-vos uns aos outros para que eu possa socorrer-vos. Fazei que eu esteja sempre alegre, e vós também estareis, e nada vos poderá entristecer»¹¹. Dificilmente encontraríamos uma pessoa tão comprometida com a causa desse «comunhão» que constrói a autêntica «comunidade».

«O cristão, que participa na Eucaristia, dela aprende a tornar-se *promotor de comunhão, de paz, de solidariedade*, em todas as circunstâncias da vida»¹². «Estou disposta a dar a vida pela paz», dizia a Madre Sagrado

⁸ Carta à comunidade de Córdova, 1884, *Palabras*, 121

⁹ Carta à M. Pilar, *Palabras*, 226

¹⁰ Carta à M. Preciosa Sangre, 1891, *Palabras*, 334

¹¹ Carta à Madre Puríssima, 1891, *Palabras*, 340. A frase aparece sublinhada no original.

¹² Carta apostólica *Mane Nobiscum Domine* (João Paulo II, 2004), 27

Coração num momento muito confuso da história do Instituto¹³. Tinha aprendido a participar dia a dia da entrega de Jesus: «Isto é o Meu Corpo, que Se entrega por vós». A sua luta pela reconciliação e pela paz eram o fruto da consciência de quem quis sempre, acima de tudo, contribuir para a construção do «corpo de Cristo»: a Igreja, a comunidade, o Instituto.

Rafaela Maria é uma autêntica mestra no tema da reconciliação, ainda que quase nunca utilize esse termo, hoje tão comum. Em vez dele, usa muitas outras palavras: conciliar, compreender, confiar, dialogar, ouvir... Esquecer ofensas e perdoar, perdoar sempre. Acreditar que é possível o que parece impossível. Estar sempre disposta a começar de novo.

Em princípio, mais do que «reconciliar», a principal função de Rafaela Maria foi a de «conciliar»: prevenir rupturas em vez de recompor derrocadas; fruir de uma convivência feliz, em vez de ter de sentir a necessidade de perdoar. Mas as circunstâncias acabaram por tornar necessário o perdão e a reconciliação: uma reconciliação que foi, sobretudo, construção constante da unidade.

«Conciliar». Entre as diferentes acepções da palavra, o Dicionário oferece como sinónimo «reconciliar». Mas, para Rafaela Maria, «conciliar» foi tornar compatíveis as atitudes e as ideias, dar harmonia às relações pessoais. Compreendeu perfeitamente a importância do papel que lhe coube na vida. «Isto é o Meu Corpo»: a entrega permanente de Jesus era uma exigência diária na construção e reconstrução da unidade do Instituto desde o princípio e ao longo dos anos. Quanto se empenhou em aproveitar as opiniões alheias, as mais pequenas iniciativas das outras!... Quanto se esforçou por criar correntes de simpatia e de compreensão entre as irmãs! Quanta confiança posta nas pessoas, quanta escuta paciente!...

¹³ Carta à M. Pilar, 1891, em I. YÁÑEZ, *Cimientos para un Edificio*, p.431

O seu programa de vida nos primeiros tempos pode resumir-se no conselho que dá a uma das religiosas: «Fazer que todos os que nos rodeiam passem a vida feliz»¹⁴. E há que ter em conta que o grupo de pessoas que então formava a comunidade não se compunha de criaturas angélicas, sem limitações. Nesse tempo, como em qualquer outro, era necessário «suportar os defeitos com muita caridade»¹⁵.

Em 1892 começaria uma época muito especial na vida de Rafaela Maria.

O compromisso pela paz continuaria a exigir posturas conciliadoras, mas passaria a supor também atitudes de autêntica reconciliação. «Estou disposta a dar a vida pela paz»: não precisamente a ausência de conflitos, mas a paz verdadeira que cria comunhão e que faz do Instituto uma família. A 19 de Junho, antes de viajar para Roma – viagem sem retorno – escreve uma circular histórica: «Devendo, por assuntos do nosso Instituto, ausentar-me de Espanha por algum tempo...». A frase parecia o anúncio de uma mentira piedosa, mas escondia uma grande verdade: ia a Roma para se converter definitivamente em alicerce do edifício. «Tinha ido para tornar possível a paz... Ia para reconstruir a unidade, porque «onde não há união, não está Deus». De facto, não havia no Instituto nenhum assunto tão urgente; não o havia nesse momento nem o haveria nunca»¹⁶.

«Isto é o Meu Corpo que se entrega... Este é o Cálice do Meu Sangue derramado por vós e por todos...». Rafaela Maria viveu literalmente destas palavras misteriosamente eficazes. Viveu da Eucaristia, que faz poderosa em nós a morte do Senhor Jesus, que nos permite amar até ao fim, para ser pessoas de «coração misericordioso». Na celebração diária da Eucaristia, como nas horas de silenciosa adoração, o «corpo que se entrega», o «sangue derramado» foram um estímulo constante para comprometer a vida.

¹⁴ Carta à M. María de la Paz, 1883, *Palabras*, 116

¹⁵ Carta à M. M^a de San Ignacio, 1882, *Palabras*, 89

¹⁶ *Cimientos para un Edificio*, p.480

3. O extraordinário anúncio: Cristo Ressuscitado, «Reconhecido» na Eucaristia

Na legislação actual das Escravas, há uma frase que expressa exactamente o sentido profundo da actividade apostólica do Instituto: «Porque reconhecemos o Senhor na fracção do Pão, sentimo-nos enviadas por Ele a todo o homem e trabalhamos para que o anúncio da ressurreição alcance todas as situações humanas»¹⁷. Esta foi a grande motivação das actividades de Santa Rafaela Maria, uma mulher que desejava moldar a própria vida à vida de Jesus, especialmente na Eucaristia¹⁸.

Já nos primeiros anos, Rafaela Maria explicava a essência do Instituto como «o amor verdadeiro a Jesus Sacramentado e o interesse pela salvação das almas que devorava o Divino Coração»¹⁹. Foi em resposta à sua vocação eucarística e apostólica que empreendeu todas as actividades e assumiu muitos riscos. Tratava-se sempre de dar a conhecer o amor de Deus manifestado na Eucaristia, e de levar os homens e as mulheres a reconhecer esse amor e a sentirem-se salvos por ele. Em qualquer lugar, em qualquer circunstância, quis «pôr Cristo à adoração dos povos»²⁰. A Eucaristia foi nas comunidades um verdadeiro foco que iluminava, em todas as direcções, os caminhos percorridos diariamente pelas irmãs. Em Madrid, em Córdova, em Jerez, em Saragoça ou em Bilbao, abrir ao povo as portas de uma nova igreja era uma maneira expressiva de anunciar que o «Deus imenso» é ao mesmo tempo o Deus «incrivelmente próximo». A extraordinária dedicação das primeiras Escravas ao culto eucarístico foi mais do que uma graça: foi também um pedido, uma autêntica missão apostólica. Levar a

¹⁷ *Apl. Const.*, 3

¹⁸ *Ap. Esp.*, 26

¹⁹ Carta ao Cardeal Benavides, 1881, *Palabras*, 80

²⁰ Apontamentos sobre a contemplação do Reino, 1890, *Ap. Esp.* 10

cabo uma missão semelhante foi para Rafaela Maria uma responsabilidade exigente durante os anos do seu governo. «Saí muito animada e alegre por poder fazer alguma coisa pelo meu Capitão Jesus, sobretudo pô-Lo à adoração dos povos...», escrevia nos seus apontamentos de 1890; nos mesmos Exercícios em que, aprofundando, como noutras ocasiões, sobre o que significa para o homem o amor de Deus, dizia: «Senti muita compaixão pelos infieis e hereges, que ficam cegos por não reconhecerem estes benefícios de Deus, e desejos muito grandes de fazer o que puder, ou então com orações, para que todos O conheçam e O amem»²¹. Depois, aludia a São Francisco Xavier e à sua fortaleza para trabalhar pela glória de Deus. Sentia-se, como ele, missionária. A paixão por Deus, que toda a vida a devorou, iria permitir-lhe ser apóstolo mesmo nos anos mais obscuros de aparente inacção. «Quando me visse sem acção física que me permitisse estender o meu zelo, como tanto desejo, contentar-me-ia com orar e fazer suavemente o que está ao meu alcance, como me ensina o meu Senhor»²².

A partir de 1892, Rafaela Maria não teve oportunidade de empreender novas obras no seu Instituto. Nesse ano, ao sair de Espanha com destino a Roma, deixava estabelecidas uma série de comunidades vivas, entusiastas, centradas na Eucaristia e entregadas no serviço aos outros. Depois dela, outras pessoas continuaram a expandir o Instituto, pondo Cristo à adoração dos povos, trabalhando para que chegasse a todos os homens e mulheres o extraordinário anúncio de que Ele vive e nos ama. A Rafaela Maria, cabia-lhe agora colaborar, animar, entregar a vida e o tesouro da sua amabilidade constante. Agora, como nunca, teria ocasião de apoiar o despontar da vida nas mais jovens, de acolher e compreender desejos e ideais, de as ajudar a «abrir o coração às dimensões do

²¹ *Ibidem*

²² Contemplação do sepulcro de Cristo, *Ap. Esp.* 10

mundo»²³. Custava-lhe perceber as pessoas que se encerravam nos seus pequenos interesses domésticos. Dizia muitas vezes que estava disposta a «cruzar os mares longínquos»²⁴ para anunciar a todos o amor de Deus. Teria gostado muito de ir a terras de missão. Não foi possível, mas os seus veementes e sinceros desejos foram misteriosamente eficazes. Teve fé e esperança na obscuridade da sua vida oculta; uma fé muito concreta e, no seu caso, muito específica: a de acreditar na força vital das sementes, que frutificam precisamente através de uma morte aparente; a da necessidade dos alicerces, «que nem se vêem..., mas que sustêm o edifício»²⁵.

4. Celebrar a grande festa da vida

Rafaela Maria quis manifestar de todas as formas possíveis que a Eucaristia é a grande festa da vida. Dar continuamente graças, transformar a existência num canto à misericórdia é a atitude coerente de quem acredita no amor de Deus. Em 1905, já muito avançada no seu processo espiritual, escreverá um texto culminante: «Estou neste mundo como num grande templo»²⁶. É possível que, enquanto escreve, vá evocando muitos momentos de plenitude vividos ao fruir da contemplação da natureza (o mar, a neve, a noite estrelada, paisagens fugazes, apenas vislumbradas da janela de um comboio...); ao olhar com simpatia para o rosto das crianças, o entusiasmo dos jovens, o seu próprio entusiasmo ao empreender as aventuras de Deus... Agora, em 1905, compreende que tudo é de uma maravilhosa simplicidade: tudo é motivo de acção de graças, é tempo de Eucaristia. Também os momentos difíceis, os travos amargos

²³ Concílio Vaticano II, *Mensagens de encerramento: aos jovens*

²⁴ Carta à M. Pilar, 1897, *Palabras*, 455

²⁵ Carta à M. Pilar, 1903, *Palabras*, 586

²⁶ Exercícios Espirituais (Setembro de 1905), *Ap. Esp.* 36

em que são precisas fé e esperança contra toda a esperança. «Estou neste mundo como num grande templo, e eu, como sacerdote dele, devo oferecer um contínuo sacrifício e um contínuo louvor...». É sempre tempo de adorar, de oferecer a vida, de se esforçar por criar laços de comunhão, de formar uma família unida, «com um só coração e uma só alma»²⁷, para tornar possível a missão reparadora em favor de todos os homens.

Amar, adorar, servir. E celebrar: o júbilo, a alegria autêntica, é a música de fundo da vida de Rafaela Maria e da sua vivência eucarística. Queria que essa alegria fosse expressada nos símbolos e gestos da liturgia. Detestava a rotina, o mau gosto, essa espécie de preguiça mental ou de falta de imaginação que faz repetir desnecessariamente os mesmos gestos.

«Aquele que nos alegra, mesmo estando tão escondido na Santíssima Hóstia»

A experiência religiosa fundamental de Rafaela Maria é a do «Deus imenso» que, ao mesmo tempo, se torna incompreensivelmente próximo. É o Senhor da sua vida, Senhor do universo e atento a cada homem com uma providência amorosa e omnipresente. Rafaela Maria vive n'Ele com a alegria de uma confiança e uma paz sem limites. Caminha na Sua presença, está como que submergida no «mar sem fundo» da sua imensidão. É a sua criatura, e é tanto mais feliz quanto mais experimenta os limites da sua própria condição: «Que felicidade ter um Deus tão grande! E a esse Deus imenso, havemos de O possuir completamente por toda a eternidade e agora temo-Lo no Santíssimo Sacramento e vem todos os dias ao nosso coração. Isto sim que é um mar sem fundo!»²⁸. O parágrafo, inserido numa carta a uma religiosa que embarca pela primeira vez, exprime uma vivência profunda e quotidiana: a procura apaixonada de Deus

²⁷ *cf. supra*, nota 12

²⁸ *cf. supra*, nota 4

em todas as coisas e o encontro constante da imagem divina reflectida em cada criatura. Essa imagem retorna inexoravelmente à sua origem, ao seu centro: o Deus imenso e próximo, misteriosamente «palpável» na Eucaristia. No princípio e no fim, adorar vale a pena.

Para Rafaela Maria, a adoração eucarística, acolhida como carisma específico através do Instituto de Maria Reparadora, foi desde o princípio uma «grande prenda», «um dever sagrado», a «vida e alegria das nossas casas», o «principal objecto da nossa reunião»... Estas expressões repetem-se literalmente em muitos escritos primitivos²⁹. Uma das primeiras Escravas não teve dúvidas em afirmar que o Instituto assenta no carisma de adoração da Eucaristia, que é a sua vida «como a raiz é a da árvore, que seca se lhe falta aquela»...³⁰. Não havia o perigo de que se secasse essa raiz. Dela se alimentaram a vida das Escravas e a sua fecundidade apostólica. No centro das comunidades, Jesus Cristo era «Aquele que nos alegra, mesmo estando tão escondido na Santíssima Hóstia...»³¹. Estas últimas palavras

²⁹ A expressão «vida e alegria das nossas casas» é da M. Mártires e aparece numa relação dos primeiros tempos: «Apontamentos sobre a fundação da casa de Madrid», in *Cimientos*, p. 122. A expressão «principal objecto da nossa reunião» é original de Santa Rafaela Maria (Instância ao Papa Leão XIII, pedindo a licença para ter o Santíssimo reservado, em Setembro de 1877. O documento diz assim: «... Humildemente prostradas aos sagrados pés de Sua Santidade, rogamos-lhe e suplicamos-lhe encarecidamente que se digne conceder-nos a inestimável graça de ter reservado nas nossas capelas, para nosso maior consolo e principal objecto da nossa reunião, a Jesus Sacramentado» (*Palabras*, 34).

³⁰ A expressão «como a raiz é a da árvore», tão repetida na tradição das Escravas, tem um contexto solene. É da autoria da M. Mártires, que escreveu um esboço biográfico da M. Sagrado Coração, no ano da sua morte (*Algunos apuntes biográficos de la M. María del Sagrado Corazón <Rafaela Porras y Ayllón>*, p.41): «Numa das coisas em que mais brilhava o seu zelo era que não faltassem as adorações, que fazíamos como podíamos e apesar de não estar obrigadas quando não tínhamos o Santíssimo; mas com Deus não poupávamos nada, porque a lei interior da caridade obrigava-nos a seguir o impulso da nossa vocação, que se baseia principalmente nisto – e é também a base de todo o Instituto, a sua vida, como a raiz é a vida da árvore, que seca se lhe falta aquela –. O que, pela misericórdia de Deus, espero que não aconteça, e que Aquele que o plantou continue a fazê-lo crescer, como, pela Sua bondade, está a fazer». *Cit. in Cimientos*, p.116

³¹ Carta a Isabel Porras Gaitán, 1895, *Palabras*, 427

de Rafaela Maria apontavam para um futuro escatológico em que já não haveria véus nem «ocultamentos», e em que a alegria da adoração se iria consumir numa infinita bem-aventurança.

Na mente de Rafaela Maria e da M. Pilar, o «dever sagrado» foi também um desejo e um compromisso relativamente à comunidade eclesial: «pôr Cristo à adoração dos povos», «fazer que todos O conheçam e O amem». Partilhar com todos uma vocação que conduzia à experiência de uma festa: «Nós estamos sempre em festa com a exposição do Santíssimo»³². Assim escrevia Santa Rafaela Maria em certa ocasião; como se dissesse que para as Escravas, e para os que partilham o carisma, é sempre dia de Corpus.

No final da sua vida, Rafaela Maria era pura transparência. A sua existência quotidiana, adoração total. Mas não pensemos que essa espécie de louvor existencial supôs a superação de uma adoração eucarística concreta, situada no tempo e no espaço; enquanto teve saúde para isso, participou fielmente no turno comunitário que permitia «pôr Cristo à adoração dos povos» em igrejas abertas a todos. A compreensão crescente do «Deus imenso», que a encheu de alegria, enriqueceu o seu encontro quotidiano com a prática da adoração própria da sua vida de Escrava.

Os «tempos de adoração» na vida de Rafaela Maria

Do que dissemos até agora, percebe-se que, ao falar de «tempos de adoração», seja conveniente usar as aspas. Para Rafaela Maria, qualquer momento era bom para adorar, como para servir, consolar, animar, conciliar, construir... Mas ao longo do dia houve sempre um «momento privilegiado» para alimentar essas atitudes e «para expressar a acção de graças de toda a vida»³³: esse tempo chamado «adoração», que quebra os nossos pequenos

³² Carta a Dolores Aguayo Fernández de Mesa, 1906, *cit. in* M.AGUADO, ACI, *Anotaciones sobre la espiritualidad de Santa Rafaela Maria del Sagrado Corazón*, p.115

³³ *Cf. Const. ACI*, 5

limites, permitindo-nos entrar no tempo de Deus; momento de aparente descanso e de absoluta gratuidade. Nas cartas e nos apontamentos espirituais de Rafaela Maria há breves referências que nos permitem vislumbrar como era a sua «actividade» e o seu «descanso» nesses momentos. Há também o testemunho dos que viram o seu corpo extático diante do Santíssimo, imaginando, sem chegar a saber realmente, qual seria a sua postura espiritual.

Podemos fazer uma primeira afirmação. Em cada uma das adorações, Rafaela Maria tornava-se presente à Presença. Apresentava-se a Deus tal como estava em cada momento e deixava-O actuar, maravilhando-se sempre com a Sua obra. A resposta espontânea a esse Deus imenso sempre atento à sua «pequeníssima» criatura era uma gozosa acção de graças:

«Durante o exame, que fiz diante do Santíssimo... vendo a Deus muito grande e a mim pequeníssima, não me encolhia, pelo contrário, dilatava-me, porque via que Deus era o que era e que eu sou o que sou. Vendo-me pequena, estou no meu centro, porque vejo tudo o que Deus faz em mim e nas minhas coisas, que é o que eu quero»³⁴.

Tornar-se patente à Presença, «expor-se» diante do «Santíssimo exposto», supôs muitas vezes para Rafaela Maria um verdadeiro «risco»: a aceitação incondicional de caminhos difíceis, escuros e incertos, pelos que avançou na fé. Ao recordar e reviver diante da Eucaristia aquele amor que conduziu Cristo à morte, arriscava-se às consequências de um amor até ao extremo. E não foi só um risco, foi uma realidade absoluta que ela abraçou com total generosidade. Num dos seus apontamentos espirituais, escreve que não se quer resguardar – pôr-se ao abrigo das dificuldades – mas «expor o peito às balas» se for preciso³⁵.

³⁴ Apontamentos dos Exercícios de 1890, *Ap. Esp.* 10.

³⁵ «Devo encher-me de coragem e expor o peito às balas»: EE de 1898, *Ap. Esp.* 28 b.

A postura de adoração da vontade divina está relacionada com esta atitude interior. Uma adoração que supõe a aceitação amorosa de qualquer acontecimento como vindo das mãos de Deus e que Rafaela Maria atualiza repetidas vezes quando chega o seu turno comunitário de adoração:

«Estou tão convencida disto que não posso pedir nunca que acabem as penas, mas que se faça em mim a vontade do Senhor, mesmo que me custe a vida, e maquinalmente, sem cessar, baixo a cabeça, especialmente diante do Santíssimo»³⁶.

«Devo entregar-me completamente à obediência... Foi o que vi na adoração das 12, hoje, 5 de Janeiro de 1909»³⁷.

Passa grande parte das suas adorações em oração de intercessão. Do seu posto no reclinatório, Rafaela Maria sente-se em comunhão com a humanidade inteira e roga pelas necessidades da Igreja e de todos os homens. Numa ocasião, escreve que quer moldar a sua vida à de Jesus na Eucaristia; por isso, identificada com Aquele que disse isto é o Meu Corpo que se entrega», quer «arder e abrasar-se para que nenhum se perca»:

«Moldar a minha vida à Sua vida mortal ou à que tem no Santíssimo Sacramento... Arder e abrasar-me para que nenhum se perca... Rezarei com muito empenho pela salvação das almas... Não descansarei desta determinação»³⁸.

Na oração, tal como no trabalho apostólico, Rafaela Maria sentiu-se sempre membro do Instituto, parte integrante de um corpo e responsável de uma missão. A sua situação pessoal a partir de 1892, afastada dos trabalhos oficialmente encomendados, foi para ela um grande sofrimento.

³⁶ Carta ao P. Muruzábal, sj, 1892, *Palabras*, 385

³⁷ *Ap. Esp.*, 41

³⁸ *Ap. Esp.*, 26

Era lícito que se perguntasse qual era agora a sua função, o seu ofício. E foi de novo o «tempo de adoração» que a ajudou a reencontrar-se, dentro dos condicionamentos que a rodeavam:

«Com muita angústia, na adoração, expunha a Nosso Senhor certos temores relativamente à Congregação e pedia-lhe essa suma confiança que Ele sabe dar às vezes. E mostrou-ma, não sei se me explico, como se a amparasse debaixo do Seu manto. Via toda a Congregação «pendurada» nos Seus olhos, e parecia dizer-me: «É este o teu ofício, orar sem cessar e sem tirar os olhos de mim; de isto depende todo o bem da Congregação»³⁹.

«Através dos desejos, que são muito veementes, trabalho com todas»⁴⁰.

Em todas as etapas da sua vida, o «tempo de adoração» foi, sem outras considerações, tempo de viver e de expressar o amor. Com o passar dos anos, a sua adoração tornou-se cada vez mais profunda e, por isso, mais simples. «Madre – perguntaram-lhe um dia nos últimos tempo – o que é que diz ao Senhor durante estes longos momentos?» «Nada – respondeu –. Eu olho para Ele e Ele olha para mim»⁴¹. Nesta altura, não precisava de preparar discursos. Já há muito tempo que tinha escrito: «O meu caminho não é o de rezar muito, mas o de orar muito»⁴². À medida que avançava a sua vida, o seu orar e o seu adorar tinham-se ido simplificando até ao extremo: olhava, admirava, «ardia em amor humilde» e pedia e esperava como graça esse «amor que vence tudo»⁴³.

³⁹ Carta ao P. Muruzábal, sj, *Palabras*, 395

⁴⁰ Carta à M. M^a de la Cruz, 1897, *Palabras*, 457

⁴¹ Testemunho recolhido no Processo Apostólico de Canonização, *cit. in Cimientos*, p.797

⁴² *Ap. Esp.*, 34. A frase está num escrito sem data, mas pertence, muito provavelmente, ao ano de 1904. A mesma ideia aparece numa carta a um familiar de 1896: «mais do que rezar muito, ora muito» (A Dolores Aguayo Fernández de Mesa), *Palabras*, 442.

⁴³ «Ardendo em amor humilde»: «Claro que o culto agrada a Deus Nosso Senhor, mas acredite que Lhe compraz mais a santificação das almas pela observância do que ter muitas luzes no altar. Se se unem as duas coisas, bendito seja Deus; se não, os Seus

Conclusão

Rafaela Maria, peregrina de Deus ao longo de todos os caminhos da vida, através de mil circunstâncias – e algumas bem dramáticas – recomendar-nos-ia vivamente não deixar nunca o livro de bordo, que ela teve sempre à mão: o Evangelho. Alguns versículos vinham-lhe constantemente à «memória do coração»: «Tomai, Comei: isto é o Meu Corpo...»; «se eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos uns aos outros...». Sem dúvida, os relatos da Eucaristia e a narração do Costado aberto pela lança do soldado⁴⁴ eram, para ela, passagens recorrentes. Tudo o resto foi pura consequência: a bem-aventurança prometida aos mansos, o louvor da simplicidade e da humildade...

Hoje, Santa Rafaela recordar-nos-ia encarecidamente que a criatura não é nada sem a força todo-poderosa de Deus; que ela, Rafaela Maria, experimentou sempre, e às vezes com muita dor, a sua debilidade, mas viveu sempre convencida de que o amor pode tudo. Como se as estivesse a escrever em cada momento, tinha presentes as suas próprias palavras, escritas em 1893: «Mas a criatura é tão débil que se julga impotente para corresponder. Que pode fazer, então, meu Senhor e meu Deus? Amar e mais amar, o amor vence tudo; pedir sem cessar este amor»⁴⁵. Ficaria feliz por ver confirmada a sua experiência de que é a própria Eucaristia que, de uma maneira incompreensível e misericordiosa, realiza constantemente a transformação do coração. No fundo, o

benditos catorze círios* e os corações das Suas filhas a arder em amor humilde por Ele: porque Ele não vê a quantidade, mas a qualidade». Carta à M. Puríssima, 1894, *Palabras*, 406

O «Amor que vence tudo» é uma expressão do texto da Reforma de Vida feita nos Exercícios do ano 1893, *Ap. Esp.* 20c.

*Refere-se provavelmente à oração da Bênção do Santíssimo Sacramento

⁴⁴ Mt.26,26-29; Mc.14,22-25; Lc.22,15-20; 1 Cor.11,23-25; Jo.13,1-16; Jo.19,31-37

⁴⁵ *Ap. Esp.* 20c.

carisma da Eucaristia supõe acreditar no amor de uma maneira especial: amor como força na debilidade e como plenitude de felicidade na vida.

«Plenitude e alegria». Parece conveniente insistir no tom de alegria vital, íntima, que a Eucaristia teve na espiritualidade de Santa Rafaela Maria e das Primeiras Escravas. No princípio, referia-me ao carisma como «dom recebido para partilhar»⁴⁶. Agora, nestas conclusões, atrever-me-ia a dizer que não é possível partilhar o que não se estima como um tesouro; mas um tesouro desses que alegam e preenchem completamente a pessoa. E vêm-me de novo as palavras de Santa Rafaela Maria: «Mas a criatura é tão débil que se julga impotente para corresponder. Que pode fazer, então, meu Senhor e meu Deus? Amar e mais amar, o amor vence tudo; pedir sem cessar este amor». Como o amor, a vivência gozosa da Eucaristia é um dom que não se alcança com esforços puramente humanos; é preciso pedi-lo com humildade de criatura.

As Irmãs que conheceram as Fundadoras não sabiam como exprimir tudo o que a Eucaristia significava para as que consideravam as «suas Madres». Vê-las adorar era uma verdadeira catequese sobre a adoração, a gratuidade, o louvor. Vê-las viver era comprovar a absoluta autenticidade daquela sublime e misteriosa realidade que se vislumbra num rosto quase transfigurado. «Dá-me vontade de cantar», dizia, às vezes, Rafaela Maria⁴⁷. A M. Pilar, numa ocasião de grandes dificuldades, exortava a «remar contra ventos e marés... e cantando, até, se Deus Nosso Senhor dá essa graça...»⁴⁸. As duas irmãs tiveram uma bela descendência, nisto da alegria de adorar e de amar. Não resisto a contar uma história verdadeiramente ternurenta, cuja protagonista é a Irmã Settimia Gubiotti.

⁴⁶ *Apl. Const.* 2

⁴⁷ Carta à M. Pilar, 1906, *Palabras*, 563

⁴⁸ Carta à M. Maria de los Santos (8 de Maio de 1903), em *Cartas de la M. M^a del Pilar Porras Ayllón*, 339. A M. Pilar fez esta alusão ao canto – expressão de alegria na fé – em vésperas da sua destituição do cargo de Superiora Geral do Insittuto.

Com muita fidelidade, gastou todas as forças com uma alegria imensa ao serviço do seu Senhor. Nos últimos dias da sua vida, já incapacitada para o trabalho – que foi uma prodigiosa constante ao longo da vida – passava muitas horas na tribuna da Igreja de Parioli. Estava muito surda e muitas vezes dizia em voz alta aquilo em que estava a pensar. Uma tarde, Settimia entrou na tribuna e deixou-se cair pesadamente no banco, com um suspiro profundo de satisfação. Depois pronunciou o que para ela foi, com toda a certeza, um leve sussurro: «O mio Dio! È una vera gioia stare qui cum Te!»⁴⁹ ... e veio o silêncio puro e simples da contemplação; essa forma simples e profunda de orar que a punha em comunhão com as Fundadoras e com as Escravas de todos os tempos.

Nos últimos anos, Rafaela Maria repetia com um grande desejo a súplica dos discípulos de Emaús: «Fica connesso, Senhor, porque entardece...».

«Mane nobiscum, Domine». João Paulo II começava com estas palavras a Carta Apostólica com que dava início à reflexão da Igreja no ano da Eucaristia. O Papa recordava como «ardia o coração» dos discípulos enquanto o Caminhante lhes explicava as Escrituras e lhes iluminava os olhos para as entender. Na penumbra daquele entardecer, o Caminhante despertava esperanças adormecidas, quase mortas. Tal era a força da Sua palavra e da Sua presença.

A introdução da Carta Apostólica sugere a evocação, uma vez mais, de Rafaela Maria. No seu quartinho de XX Setembro, com pouca luz – e ainda mais ao final da tarde – sente arder o coração em «amor humilde». A mesa do Pão e da Palavra foi-lhe abrindo os olhos para a perfeita compreensão da Escritura, e vê-se agora inundada pela luz total do Ressuscitado. Nalguns desses dias, vai copiando, com letra ainda firme, um parágrafo das Meditações do P. Lapuente que lhe chegara à alma:

⁴⁹ «Ó Meu Deus! É uma verdadeira alegria estar aqui contigo!»

«Ó bom Jesus! Fica comigo, porque o dia da minha vida vai acabando e agora preciso mais da tua presença. Tu disseste: Se alguém Me ama, guardará a Minha Palavra, e o Meu Pai amá-lo-á, e viremos a ele, e ficaremos com ele. Desejo amar-Te e obedecer-Te com todo o meu coração. Fica, Senhor, comigo, para que possa cumprir o meu desejo e chegar à vida eterna, onde estarei sempre contigo. Ámen»⁵⁰.

⁵⁰ V.P. Luís de LAPUENTE, sj, *Meditaciones Espirituales*, 6ª ed. (1892), Tomo V, p.90